



Adjetivar santos: um estudo linguístico de pagelas

PALAVRAS-CHAVE: pagelas, superestrutura, género textual, descrição.

KEYWORDS: holy cards, superstructure, genre, description.

1. Introdução

A religião e as práticas religiosas estão presentes em todas as sociedades e envolvem o crente numa relação com o sagrado, consigo próprio e com os outros. A expressão dessa religiosidade revela-se de um modo individual mas também comunitário e é, em parte, veiculada com o auxílio de objetos religiosos, segundo as culturas e as épocas. No caso do catolicismo, encontramos artefactos como crucifixos, escapulários, estátuas, ex-votos, medalhas, oratórios, registos, terços, velas, etc. Também fazem parte da prática religiosa os rituais e os textos. De facto, para além da Bíblia, a vivência espiritual é alimentada por diversos escritos de parali-teratura religiosa tais como biografias de santos e de almas piedosas, livros ou brochuras de cânticos, de orações e de espiritualidade, catecismos, missais e pagelas.

As pagelas são pequenas estampas que geralmente contêm mensagens no verso e que são utilizadas para diversos fins. Há pagelas que se distribuem para marcar celebrações como o batismo, a comunhão, a profissão de fé, o crisma, a ordenação sacerdotal, festas da catequese, entre outros marcos e sacramentos. Também se imprimem pagelas fúnebres, compreendendo orações e expressões de saudade. Outros tipos de oração, pensamentos, poemas, novenas e textos para meditação são também objeto de pagelas. Finalmente, assumem especial destaque as pagelas dedicadas a santos, beatos e mártires. Também conhecidas por santinhos (ing. *holy card*, fr. *image dévôte*, it. *immaginetto*), estas pagelas apresentam algumas características visuais e linguísticas próprias, que serão objeto da presente pesquisa: “Os santinhos são retângulos de papel cujas faces comportam, de um lado, uma imagem de santo (ou santa, ou santos) e, do outro, textos em que se combinam preces e prescrições para

utilizá-las corretamente, detalhes da vida do santo, propaganda da gráfica que imprime o material, etc.” (Menezes, 2011: 43).

O santo, para a Igreja Católica, é uma pessoa já falecida e que passou por um complexo processo de canonização, embora popularmente não seja raro designar-se por santo alguém que ainda não consta do cânon dos santos.

O processo de canonização introduziu-se na Idade Média. A regulamentação dos processos de beatificação e canonização foi feita por Urbano VIII, em 1642, e é a que, fundamentalmente, vigora ainda hoje. Desde 1969, foi constituída a Congregação para as Causas dos Santos, resultando da reorganização da Congregação dos Ritos. A nova Congregação é responsável pelas beatificações e canonizações. Em 1983, João Paulo II simplificou o processo. Começa na diocese na qual a pessoa morreu, com a supervisão do bispo. Depois, toda a documentação é enviada a Roma, nomeando-se um postulador para acompanhar o processo. Exige-se uma ação milagrosa pela intercessão do servo ou serva de Deus. Comprovada tal ação milagrosa, promulga-se um decreto declarando-o “venerável”. [...]. Antes da canonização, exige-se um segundo milagre, ocorrido depois da beatificação. Este também costuma exigir-se dos mártires. Por beatificação entende-se uma sentença do papa pela qual é permitido, a certos grupos de fiéis ou até a toda a Igreja, o culto público de um(a) servo(a) de Deus. É um estágio preparatório da canonização. Esta é o último ato do processo iniciado, quando se trata de elevar aos altares uma pessoa falecida com fama de santidade. Através da canonização, o nome de uma pessoa falecida é inserido no catálogo (cânon) dos santos (Zilles, 2007: 493-494).

Para o teólogo jesuíta Martindale, um santo é uma figura história real em quem os crentes veem um modelo de conduta a seguir: “Antes de mais nada digamos: os Santos foram homens de carne e osso. [...] não são ficções. [...] foram homens reais, figuras históricas que revolucionaram a vida humana [...] foram e são personalidades vivas, com as quais milhares de outros seres vivos acreditam que podem pôr-se em contacto vital e, por esta crença, dirigem a sua conduta” (Martindale, 1956: 8-9).

2. *Corpus* e metodologia

O presente estudo partiu da recolha de um *corpus* de cerca de três centenas de pagelas em língua portuguesa. Após a observação deste *corpus*, procedemos ao levantamento e análise dos aspetos gráficos, bem como à proposta de uma superestrutura textual para este género de textos.

Seguidamente, procedemos a uma seleção de 100 pagelas com o verso impresso, sendo 50 de santos e 50 de santas, em cujos textos estivessem contidos nomes e adjetivos referentes ao retratado. Na seleção das pagelas de santas, não incluímos as que representam Maria, alvo de um grau de devoção que não encontra paralelo em nenhum outro santo. De facto, é normal os catálogos de pagelas das gráficas listarem em categoria à parte as pagelas de Maria, já que a Mãe

de Jesus apresenta uma pluralidade de epítetos e numerosas evocações diferentes, sendo as suas diversas representações icónicas acompanhadas de símbolos próprios. A partir do subcorpus de 100 pagelas, foi elaborado o levantamento e o estudo dos adjetivos, nomes e metáforas utilizados para descrever e caracterizar estas pessoas, para além do título de santo, beato ou mártir.

3. Grafismo da pagela

Graficamente, as pagelas de santos caracterizam-se por apresentarem imagens e textos sobre estas figuras, impressos em pequenos retângulos de papel estampado, que os fiéis muitas vezes colocam dentro de missais, bíblias ou livros de orações (ver exemplos na figura 1).



Figura 1 – Exemplos de pagelas

Apresentam, na parte da frente, uma estampa retratando o santo, na qual se podem encontrar elementos simbólicos, mais frequentes quando o santo é retratado numa pintura, do que quando se trata de uma fotografia. Por exemplo, na primeira estampa da figura 1,

Santa Luzia é representada com a palma do martírio¹, os olhos numa taça² e um renque de açucenas brancas, símbolo de pureza³. A açucena, também conhecida como amarílis, surge ainda no segundo exemplo, junto de Santo António. O simbolismo das flores nas pinturas religiosas é muito frequente e antigo, tal como acontece na heráldica.

Para além do papel, a pagela pode conter outros elementos colados ou cosidos: pequenas medalhas (2.º exemplo da figura 1), minúsculas relíquias como pedacinhos de pano que tocaram o santo (3.º exemplo) ou pequenas lascas de madeira de uma árvore relacionada com uma aparição (4.º exemplo). O papel pode ser artisticamente dobrado e/ou recortado (5.º e 6.º exemplos) ou substituído total ou parcialmente por outros materiais, tais como plástico, tecido ou lâminas de cortiça ou madeira.

4. A superestrutura da pagela

Apesar de ser um texto muito breve, dadas as limitações de espaço impostas pelo pequeno retângulo de papel, a superestrutura de uma pagela pode conter uma pluralidade de elementos textuais, embora raramente os contenha todos. A listagem e hierarquização destes elementos, apresentados na tabela 1, definem a superestrutura textual da pagela, por nós elaborada a partir dos exemplos do *corpus* estudado.

Superestrutura da pagela		
- Cabeçalho	- Nome do santo	
	- Título canónico	- Servo de Deus
		- Venerável
		- Beato
		- Santo
	- Festa do santo	
	- Local de veneração	
	- Efeméride	
- Proteção concedida		
- Legenda da imagem		

¹ Segundo Biederman (1994: 252), “From early Christian times onward, there are frequent depictions of the martyr’s «palm of victory» and the flourishing palm tree of the paradise to come after the Last Judgment, often in combination with lilies and grapes”.

² Embora não esteja historicamente documentado, segundo a tradição popular, uma das torturas constantes do martírio de Santa Luzia terá sido a extração dos olhos (Butler, 1983: 178).

³ “The lily became for the Christian world a symbol of pure, virginal love. Gabriel, the angel of the Annunciation, is usually portrayed holding a lily, as are Mary’s husband Joseph and her parents, Joachim and Anne. The «lilies of the field» – which «do not toil» but are praised in the Sermon on the Mount as models of those who, in their faith, ask no questions – made the flower the attribute of many saints [...]” (Biederman, 1994:207).

- Texto principal	- Citação	
	- Oração	- Título (tipo, objetivo, alvo)
		- Texto da oração
		- Instruções
		- Indulgências concedidas
- Dados biográficos do santo		
- Pedido	- Objeto do pedido	- Comunicação de graças obtidas
		- Donativo ou colaboração
		- Encomendas
	- Contacto para envio da resposta ao pedido	
- Divulgação da pagela	- Expressão de agradecimento pelas graças obtidas	
	- Instruções de distribuição	
	- Solicitação de distribuição	
- Autorização de impressão	- Tipo de autorização	- <i>Imprimi potest</i>
		- <i>Nihil obstat</i>
		- <i>Imprimatur</i>
	- Identificação da autoridade competente	
	- Local e data da autorização	
- Informações sobre a impressão	- Identificação da gráfica	
	- Contactos e informações sobre a gráfica	
	- Número de exemplares impressos	
	- Número de ordem da pagela (em coleções)	
	- Data de impressão	

Quadro 1 – Elementos textuais constituintes da superestrutura do género pagela, de acordo com o *corpus*

Utilizando a noção de superestrutura tal como definida por Van Dijk⁴, importa sublinhar que estes constituintes nunca estão todos presentes numa mesma pagela e a ordem pela qual surgem é muito variável. Existem inclusivamente pagelas que não estão impressas no verso e que, conseqüentemente, apresentam a sua superestrutura reduzida apenas ao nome do santo, acompanhado ou não por algum outro elemento de cabeçalho.

⁴ Van Dijk define superestrutura textual nos seguintes termos: “superstructure is the schematic form that organizes the global meaning of a text. We assume that such a superstructure consists of functional categories. Besides such categories we need rules that specify which category may follow or combine with what other categories. [...] It is a task for empirical research to establish for each discourse type the possible schematic superstructures (Van Dijk, 1980: 108-110). Foi esta tarefa que aqui tentámos levar a cabo em relação às pagelas de santos.

O primeiro grupo de constituintes textuais do género pagela funciona como um cabeçalho e é impresso na frente junto ou sobre a respetiva imagem e/ou no verso, aqui geralmente colocado no topo. O elemento textual mais importante, por vezes o único presente, é, como vimos, o nome do santo. Vem quase sempre acompanhado de um outro elemento, o título canónico, que, conforme a etapa em que se encontra o processo de canonização, poderá ser: servo de Deus, venerável, beato ou santo (aqui incluída a formulação “São” para santos de sexo masculino cujo nome comece por consoante).

Outro elemento constante da superestrutura textual das pagelas e que tanto pode surgir no corpo do texto como no cabeçalho ou na parte da frente é a indicação do dia da festa do santo. É o caso de uma pagela dedicada a São Sebastião que fornece a informação: “Festa 20 de Janeiro” ou, na de Santa Sarah Kali: “24/05 dia da comemoração”. Estas datas, estabelecidas de acordo com o calendário católico, são muito importantes na vivência religiosa das comunidades, influenciam a escolha de nomes próprios para os recém-nascidos e são celebradas com especial ênfase nas paróquias que têm o santo como padroeiro e o seu nome como topónimo. Para o celebrar, organizam-se arraiais e romarias, pagamento de promessas, celebrações e procissões, nas quais participam, não apenas os paroquianos locais, mas também aqueles que, vivendo afastados, retornam nesse dia especial à sua terra de origem. Em alguns casos, as festas chegam a atingir grandes dimensões, com o fenómeno do turismo religioso: “O turismo religioso pode ser entendido como uma atividade desenvolvida por pessoas que se deslocam por motivos religiosos ou para participar de eventos de significado religioso. Compreendem peregrinações, romarias, visitas a locais de carácter histórico/religioso, festas e espetáculos de cunho sagrado” (Maio, 2004: 53).

O local onde o santo é venerado também pode ser explicitado na pagela, geralmente junto da imagem, que pode ser a reprodução do altar do santo. Exemplo do *corpus*: “Imagem do Mártir São Sebastião venerada na igreja do Santíssimo Sacramento, Lisboa”. Estas informações sobre a imagem original do santo, pintura ou estátua, são também fornecidas em formato de legenda, a qual pode ainda transmitir outros detalhes, como a identificação do autor da obra de arte sacra e o museu onde esta se encontra.

Quando a pagela é realizada para celebrar uma efeméride relacionada com o santo, também se inclui essa informação como elemento do cabeçalho, como no seguinte exemplo: “750.º aniversário da morte de Sto. António de Pádua (1231-1981)”.

Ainda como elemento integrador do cabeçalho da pagela ou, em alternativa, integrando o texto, podemos encontrar a explicitação do tipo de proteção que o santo concede. Faz parte da religiosidade popular associar o santo ao tipo de intercessão que o crente pretende pedir, à doença de que padece, ou ainda ao grupo a que o crente pertence ou à profissão que desempenha. Por exemplo, no *corpus* encontramos uma pagela relativa a Santa Bárbara que apresenta no cabeçalho entre parênteses a seguinte explicitação: “Protetora contra os raios, as pestes e a morte repentina. Santa Bárbara também é venerada pelos militares”.

Depois do cabeçalho encontra-se o texto principal da pagela, que consiste numa citação, oração ou pequena biografia. Por vezes, para conter todos os elementos, algumas pagelas assumem a forma de dípticos ou trípticos.

Citações de palavras do santo, de mensagens por ele ouvidas em aparições ou de frases bíblicas surgem, por vezes, como texto principal da pagela, embora também possam aparecer no topo, em forma de epígrafe, ou em outras localizações na composição textual.

Quando o texto principal é uma oração, esta pode ser precedida de um título que explicita o tipo de oração, o alvo da oração e o seu objetivo. Exemplos do *corpus*: “Novena ou tríduo a Santa Paula Frassinetti”, “Novena para uso particular”, “Novena ou tríduo para crianças. Oração para implorar a beatificação do Padre José Kentenich”. As pagelas podem apresentar impressas, geralmente no verso, diversas fórmulas de oração e intenções: “Quanto à intenção, a oração pode ser: predominantemente latrêutica (de adoração, de louvor), eucarística (de ação de graças), impetratória (de pedido ou súplica) ou reparadora (de satisfação ou de expiação)” (Falcão, 2004). A oração pode ser seguida de breves instruções sobre a quantidade de vezes que deve ser proferida ou outras instruções para o crente, como nos seguintes exemplos: “Rezar 1 Ave-Maria e oferecer a São Constantino”, “Reza-se 7 vezes ao dia durante 4 dias seguidos”. Encontrámos pagelas que incluíam a concessão de indulgências⁵ aos fiéis que seguissem as instruções de oração fornecidas, como no seguinte exemplo: “Indulgência de 10 anos por cada vez, plenária uma vez por mês para quem a rezar todos os dias”.

O verso das pagelas pode ainda conter, como texto principal, uma breve biografia ou pequenos apontamentos biográficos do santo. Exemplo de texto numa pagela dedicada a Madre Teresa de Saldanha: “A Serva de Deus, Madre Teresa de Saldanha, nasceu em Lisboa, a 4 de Setembro de 1837. Sendo rica, fez-se pobre para seguir Jesus. Fundou duas instituições ao serviço dos mais necessitados [...]. Faleceu, em odor de santidade, a 8 de Janeiro de 1916 e está sepultada no Cemitério de Benfica [...]”.

Um outro grupo de elementos textuais constituintes da superestrutura do género textual de que aqui nos ocupamos tem a ver com a formulação de pedidos ao leitor do santinho. As solicitações podem ser de vária ordem, desde o pedido de comunicação de graças obtidas, a apelo para doações ou ações de voluntariado, ou ainda encomenda de novas pagelas ou outros artigos. Esta parte de cariz injuntivo do texto é acompanhada de contactos para os quais a resposta deverá ser enviada.

Assim, quando o processo de canonização ainda não decorreu, é vulgar a pagela conter um apelo ao crente para comunicar as graças que tenha recebido por meio da intercessão do

⁵ O *Catecismo da Igreja Católica* (1993: 330), no seu artigo 1471 e citando Paulo VI, define indulgências do seguinte modo: “A indulgência é a remissão, perante Deus, da pena temporal devida aos pecados cuja culpa já foi apagada; remissão que o fiel devidamente disposto obtém em certas e determinadas condições pela ação da Igreja, a qual, enquanto dispensadora da redenção, distribui e aplica, por sua autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos santos. A indulgência é parcial ou plenária, consoante liberta parcialmente ou na totalidade da pena temporal devida ao pecado”.

santo. Exemplo na pagela de Maria Teresa Ledoshowska: “As graças obtidas por intercessão da Serva de Deus Maria Teresa Ledoshowska pedimos sejam comunicadas às Irmãs Missionárias de São Pedro Claver” seguido de uma morada. Este pedido poderá visar o fornecimento de elementos ao postulador que investiga a vida do candidato no respetivo percurso de canonização. De facto, a Congregação para as Causas dos Santos prevê que o postulador, entre outros elementos, deve apresentar: “Só nas causas recentes, um elenco de pessoas que podem contribuir a explorar a verdade sobre as virtudes ou o martírio do Servo de Deus, como também sobre a fama de santidade e de milagres, ou então impugná-la” (Palazzini e Crisan, 1983). Exemplos de outros pedidos encontrados nos exemplares analisados: “Se deseja colaborar connosco em nossas atividades, dirija-se à nossa revista”, “Ajude as grandes despesas desta Causa”, “Agradece-se qualquer oferta em favor de novas edições desta pagela”, “Enviar relatos de graças e pedidos de livros, estampas, Boletim de Graças ou qualquer outro assunto relacionado com a Causa da Serva de Deus, ao Pároco de Balasar”. Os contactos fornecidos são essencialmente moradas postais, embora também tenhamos encontrado contactos telefónicos e, em pagelas mais recentes, endereços eletrónicos e páginas de internet.

Quando o crente obtém a graça pretendida, pode, em agradecimento, colaborar na divulgação da veneração do santo, mandando imprimir e distribuir exemplares da respetiva pagela. Esta ação pode vir relatada na própria pagela, como no seguinte exemplo: “Em agradecimento, mandei publicar e distribuir um milheiro desta oração para propagar cada vez mais a devoção a São Sebastião”. Este elemento da superestrutura textual da pagela funciona, de certo modo, como uma carta em cadeia (corrente), contendo instruções para a divulgação do próprio texto, número de exemplares a distribuir e outras indicações, neste caso o objetivo da ação. Tal como acontece nestas cartas, também a pagela pode conter uma solicitação de reenvio dirigida aos potenciais destinatários, como no seguinte exemplo: “Quem quiser obter graças através do Coração de Jesus, prometa espalhar esta devoção”.

O último elemento textual da superestrutura é o que diz respeito à aprovação da impressão da pagela. O cânone 824 do Código de Direito Canónico prevê que, a nível diocesano, seja considerada “a licença ou aprovação para a edição de livros [...] [e] quaisquer escritos destinados à divulgação pública”. Assim, e como quaisquer outros escritos católicos, as pagelas podem apresentar uma ou mais etapas deste processo: “nihil obstat” dado pelo censor da diocese e “imprimatur”, dado por ordem do bispo. Antes destas, há ainda a autorização “imprimi potest” dada pelo superior, quando o autor é membro de uma ordem religiosa. Estas formulações podem surgir em latim⁶ ou em diversas versões em língua portuguesa: “Pode imprimir-se”, “Imprima-se”, “Com aprovação eclesiástica”, “Com licença da Autori-

⁶ As expressões acima mencionadas são as mais comuns, embora, por vezes, o texto latino da aprovação possa ser mais longo, como acontece no seguinte exemplo: “Pium Opus adprobamus; eidemque largissimam fidelium opem ominamur”.

dade Eclesiástica”. São acompanhadas pela identificação da autoridade e, em muitos casos, da data e local em que o parecer foi emitido.

Geralmente, depois de todos os elementos textuais acima enunciados, pode surgir o nome da gráfica ou entidade religiosa que imprimiu a pagela. Esta identificação pode ser acompanhada de outros elementos informativos, como os respetivos contactos, o número de exemplares impressos, a data de impressão e, no caso de coleções, o número de ordem da pagela.

Nas figuras 2 e 3, apresentamos dois exemplos do *corpus* da presente pesquisa, com os elementos textuais constantes da superestrutura devidamente assinalados.

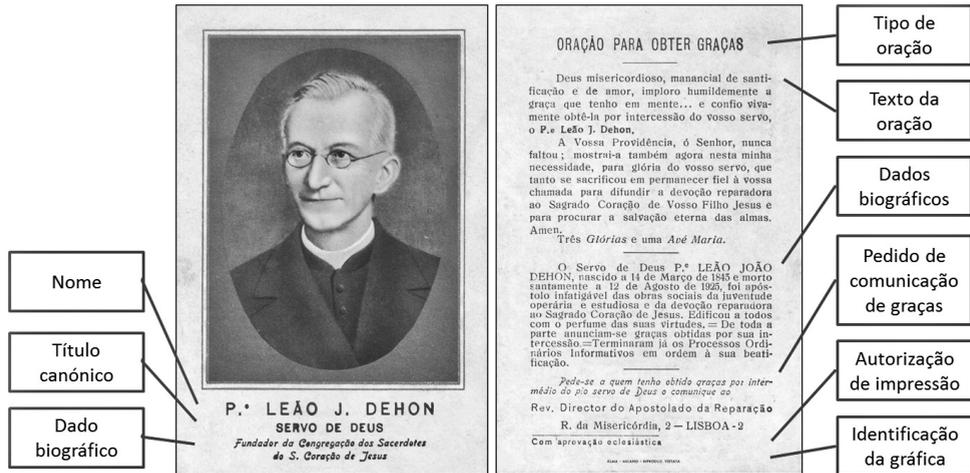


Figura 2 – Exemplos de elementos textuais constituintes da superestrutura do género pagela (frente e verso)



Figura 3 – Exemplos de elementos textuais constituintes da superestrutura do género pagela (frente e verso)

Como podemos observar nos exemplos apresentados, nem todos os elementos textuais constituintes da superestrutura deste género se encontram presentes em cada texto em

particular. Em numerosas pagelas acontece mesmo, como já referimos, que o único elemento é o nome do santo, a acompanhar a imagem, encontrando-se o verso da pagela em branco, pelo que consideramos que essa será a estrutura minimalista deste género textual. Este facto explica ainda que o elemento nome seja o único da superestrutura textual que se encontra, sem exceção, em todos os exemplos do *corpus*.

5. Áreas semânticas de nomes e adjetivos referentes aos santos nas pagelas

Depois desta análise, fizemos o levantamento de nomes e adjetivos utilizados, nas pagelas do *corpus*, para referir e caracterizar os santos. Dividimos estes lexemas em quatro grandes categorias, que se encontram, no gráfico 1, identificadas pelas letras A a D e que foram estabelecidas de acordo com um critério semântico: na categoria A, agrupámos nomes e adjetivos que atribuíam ao santo uma determinada virtude; em B fizemos o levantamento dos lexemas que transmitiam a ideia de que o santo é um exemplo digno de admiração que deve ser seguido; em C encontramos os termos que significam o poder de proteção e intercessão que o santo detém; e finalmente, na categoria D, os lexemas que incluem a ideia de que o santo se encontra na glória de Deus. Esta divisão nem sempre foi fácil de efetuar, dado que alguns lexemas partilham simultaneamente de várias cargas semânticas, caso em que foram colocados na predominante.

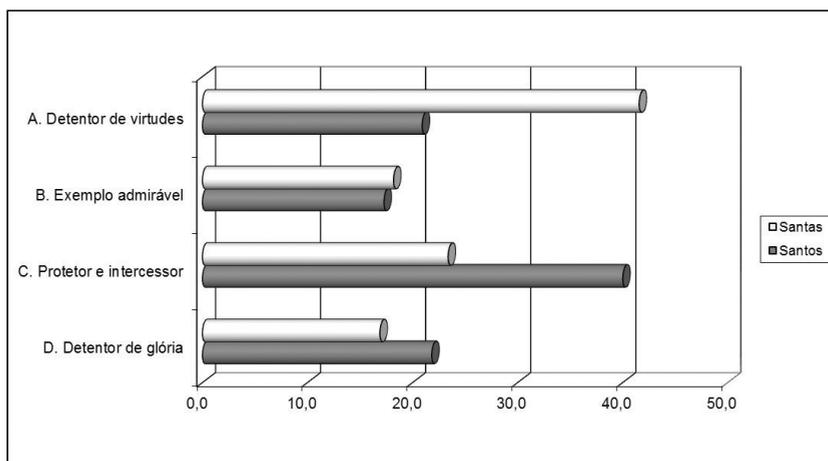


Gráfico 1 – Categorias semânticas dos nomes e adjetivos referentes aos santos e santas das pagelas do *corpus*

Esta divisão quadripartida foi cruzada com a divisão do *corpus* em dois grandes grupos (no gráfico expressos pelas duas cores das barras), conforme se tratasse de um santo ou de uma santa. O cruzamento destas duas repartições dos dados resultou no gráfico que aqui se apresenta e que evidencia que os diversos tipos de atributos não se distribuem da mesma forma conforme o sexo do santo. Assim, embora as categorias B e D não apresentem diferenças muito marcadas, as categorias A e C apresentam valores mais díspares. No caso dos

nomes e adjetivos que veiculam virtudes, as percentagens são mais elevadas nas santas, enquanto que a ideia de proteção e intercessão apresenta percentagens mais elevadas nos santos de sexo masculino.

A lista das virtudes atribuídas aos santos é, no *corpus* analisado, diferente nos dois grupos considerados. Os santos de sexo masculino são os únicos qualificados com os seguintes lexemas: *bondoso, corajoso, cumpridor, destemido, puríssimo, valoroso e justo*. Por outro lado, apenas encontramos no *corpus*, atribuídos a santas, os qualificativos: *ardente, clara, formosa, linda, ilustre, simples, humilde, virgem, joia e flor*. Com ocorrências em ambos os grupos encontramos: *dedicado/a, devoto/a, doce, fiel, grande, sábio/a, servo/a e esposo/a*. As duas virtudes com maior número de ocorrências não são as mesmas nos dois grupos: no caso das santas os termos mais frequentes são *serva* e *virgem* e, no caso dos homens, são *fiel* e *valoroso*. Salienta-se o facto de que a virgindade é culturalmente e desde épocas remotas um valor especialmente exaltado. Na Carta Encíclica *Sacra Virginitas*, do Papa Pio XII (1954), lê-se mesmo no primeiro parágrafo: “A sagrada virgindade e a perfeita castidade consagrada ao serviço de Deus contam-se sem dúvida entre os mais preciosos tesouros deixados como herança à Igreja pelo seu Fundador”.

Na nossa segunda categoria de características, agrupámos os nomes e adjetivos que veiculavam a ideia de que o santo é alguém que serve de exemplo, que deve ser seguido, que é um modelo de conduta e querido por parte dos fiéis. Ao encontro desta ideia, encontramos alguns lexemas que, no *corpus*, surgem atribuídos aos santos de sexo masculino – *amabilíssimo, amável, respeitado, estimado, evangelizador, apóstolo e mestre* – e há dois que apenas encontramos nas pagelas das santas – *testemunha* e *exemplo*. Nas pagelas de santos e santas estão presentes lexemas como *admirável, amado, amoroso, amigo, querido, venerável, venerado e modelo*.

Uma vez que as pagelas podem ter a função de auxiliar o crente a pedir a intercessão de um santo da sua devoção para a obtenção de determinada graça, encontramos a virtude do poder e da força do auxílio atribuída através de diversos qualificativos. Tal como nas categorias anteriores, encontramos, no *corpus*, lexemas apenas presentes nas pagelas dos santos de sexo masculino, neste caso: *providentíssimo, milagroso, defensor, consolador e amparador*. Apenas presentes nas pagelas de santas, encontramos no *corpus*: *auxílio e forte*. Esta é, no entanto e como vimos no primeiro gráfico, uma categoria muito mais presente nos textos descritivos dos santos de sexo masculino.

Finalmente, a ideia de que o santo participa da glória divina é nas pagelas analisadas veiculada pelos lexemas *luz, glória, filho de Deus, bendito, incorrupto, inspirado, glorioso, escolhido, celeste, bento, bem-aventurado e agraciado*. Assume especial destaque, principalmente nos santos de sexo masculino, o adjetivo *glorioso* que é o que apresenta claramente uma maior frequência dentro desta categoria.

6. Comparações e metáforas

As metáforas e comparações são recursos estilísticos muito utilizados em linguagem religiosa, já que a linguagem literal se revela pobre para transmitir certos sentidos e sublinhar determinadas ideias, como acontece nos seguintes exemplos (sublinhados nossos):

Santos:

- pelo suplício a que vos submeteram, vos tornastes o *médico* que cura as feridas do corpo e da almas (S. Sebastião)
- oferecestes ao mundo o *remédio* mais eficaz a todos os seus males (São Paulo da Cruz)
- resplandeceu ante os homens como o *Sol* entre as mais pequenas estrelas (Frei Bartolomeu dos Mártires)
- *sal* da terra, *tocha* acesa e cheia de luz, raro *espelho* (Frei Bartolomeu dos Mártires)

Santas:

- sois benta como o *sol*, formosa como a *lua* e linda como as *estrelas* (Santa Catarina)
- *espelho* de pureza (Santa Cecília)
- Tu que és a nossa *doce* e amorosa mãe cigana (Santa Sarah Kali)
- dissei por mim uma palavra à Virgem Imaculada de quem fostes a *flor* predileta (Santa Teresinha do Menino Jesus)
- *flor* de santidade nos jardins do Senhor (Rosa de Lima)
- Santa Margarida Maria, escolhida por Jesus para ser para Ele um *céu* de repouso na terra e um *trono de delícias* para o Seu amor.
- *joia* cujo valor o mundo desconhece (Beata Alexandrina)
- Santa Bárbara, que sois mais forte que as *torres das fortalezas* e a violência dos *furacões*

Salientam-se, nestes exemplos, as expressões figuradas em que o domínio fonte⁷ da metáfora está relacionado com o domínio da medicina (*médico, remédio*), os astros (*sol, lua, estrela*), a luz (*sol, estrela, tocha, espelho*), elementos da natureza (*sal, flor, furacão*) e preciosidades (*trono de delícias, joia*). Tais figuras são frequentes no intertexto bíblico, o qual é perfeitamente reconhecível em expressões como, por exemplo, “sal da terra”. De facto, nos três evangelhos sinóticos (Mateus 5, 13-14; Marcos 9, 50; Lucas 14, 34-35) encontramos, nas falas de Jesus, a utilização metafórica do sal e da luz: “vós sois o Sal da Terra, vós sois luz do mundo”.

7. Conclusão

Este é certamente um estudo muito preliminar que necessitará de um aprofundamento, quer quanto ao número de características linguísticas e textuais estudadas, quer quanto à representatividade do *corpus* analisado. No entanto, apesar de limitado, pudemos concluir,

⁷ Adotamos aqui a noção de metáfora apresentada pela linguística cognitiva (Lakoff, 1994), em que “metáfora” é entendida, no sistema conceptual, como uma projecção (no sentido matemático do termo) entre um domínio fonte (source domain), que serve como ponto de referência e onde se buscam conceitos e terminologia, e um domínio alvo (target domain), aquele que é explorado e expresso com os elementos fornecidos pelo primeiro.

da observação do *corpus*, que a pagela surge como um gênero textual definido, incluindo elementos iconográficos e uma superestrutura própria. O texto principal inclui seqüências descritivas (nas caracterizações dos santos), narrativas (nos relatos biográficos) e injuntivas (nas preces de súplica e pedidos intercessão a eles dirigidos).

Os adjetivos e nomes veiculam ideias de virtude, exemplo, proteção e glória e, conforme o sexo do santo, apresentam diferentes distribuições de frequência. As metáforas e comparações têm como fonte o domínio conceptual dos astros, luz e forças da natureza e replicam frequentemente expressões do intertexto bíblico. Todas as expressões analisadas retratam os santos como seres humanos excepcionais, modelos de virtude cuja imitação é fonte de felicidade e alegria, uma vez que, como dizia São Francisco de Sales, “Um santo triste é um triste santo”.

Bibliografia

- BIEDERMAN, Hans (1994). *Dictionary of symbolism. Cultural icons & the meanings behind them*. New York: Meridian, Penguin Books.
- BUTLER, Alban (1983). *Vidas dos santos*. Lisboa: Dinalivro.
- (1993) *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- (1983) *Código de Direito Canônico*. Versão Portuguesa. 4.ª ed. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa. http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonicus/portuguese/codex-iuris-canonicus_po.pdf
- FALCÃO, D. Manuel Franco (2004). *Enciclopédia católica popular*. Edições Paulinas. <http://www.portal.ecclesia.pt/catolicopedia/>
- LAKOFF, George (1994). “The Contemporary Theory of Metaphor”. In ORTONY, A. (coord.). *Metaphor and Thought*. 2ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 202-251.
- MAIO, Carlos Alberto (2004). “Turismo religioso e desenvolvimento local”. *Publicatio: Ciências Sociais Aplicadas* 12-1, 53-58.
- MARTINDALE, Cyril Charlie. (1956). *Que são os Santos? Quinze capítulos sobre a santidade desde o primeiro século até aos nossos dias*. Coimbra: Arménio Amado Ed.
- MENEZES, Renata de Castro (2011). “A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre santinhos”. *Horizontes Antropológicos* 36, 43-65.
- PALAZZINI, Pietro ; CRISAN, Traian (1983). “Congregação para as causas dos santos. Normas para observar na instrução diocesana das causas dos santos”. http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_07021983_norme_po.html
- Papa Pio XII (1954). *Carta Encíclica Sacra Virginitas*. http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_25031954_sacra-virginitas_po.html
- VAN DIJK, Teun A. (1980). *Macrostructures. An interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition*. Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- ZILLES, Urbano (2007). “Lugar e veneração dos santos hoje”. *Teocomunicação* (PUCRS) 37-158, 491-507.

Créditos das imagens

Figura 1.1 – Gráfica Santana; Figura 1.2 – RCC, Itália; Figura 1.3 – Mosteiro das Carmelitas de Lisieux; Figura 1.4 – Quinta do Casal, Batalha; Figura 1.5 – P. in Switzerland; Figura 1.6 – J. Turgis & Cº, New-York; Figura 2 – Alma, Milano; Figura 3 – SJO Artigos Religiosos.

.....

RESUMO

Marcando diversos momentos da vivência religiosa ou apoiando a devoção dos crentes, as pagelas (santinhos) são textos multimodais, combinando representações icônicas e linguísticas, com uma superestrutura estabilizada. Na presente pesquisa, partimos de um *corpus* de pagelas de santos e santas e analisámo-las quanto a estes parâmetros, bem como quanto à utilização de nomes, adjetivos e metáforas utilizadas na sua descrição.

ABSTRACT

Marking different moments of religious experience or supporting the devotion of believers, holy cards are multimodal texts, combining language and iconic representations, with a stabilized textual superstructure. In this research, a corpus of these cards is analysed for these parameters, as well as the names, adjectives and metaphors used in the description of the saints.